

| 533 | ARQUITETURA DA VIOLÊNCIA: SEGURANÇA E MERCADO NUMA CIDADE TRANSPARENTE

Juliane Guimarães Baldow, Bruno Amadei Machado, Sônia Maria Taddei Ferraz

Resumo

Este trabalho atualiza as observações e análises referentes às alterações formais e funcionais da arquitetura em nome da segurança patrimonial e suas repercussões no âmbito da sociabilidade urbana. O universo de análise se desloca para Niterói, como reflexo do crescimento das cidades de médio porte e seus desdobramentos em nível nacional. O foco privilegiado se volta para o aumento da violência e o crescimento do mercado imobiliário na cidade, fenômenos simultâneos observados no noticiário recente, e nos leva a investigar como ambos conciliam a demanda por segurança patrimonial, que tem sido marcada pela transparência como um símbolo da atualidade. Ao considerar a arquitetura como um reflexo da realidade, a estética contemporânea redesenha também a paisagem urbana, incorporada pelo mercado imobiliário. As formas atuais da arquitetura e da cidade impostas pelo mercado revelam e permitem observar como o espaço público tem sido “estreitado”, não só no seu sentido essencial como também fisicamente, dado o avanço dos interesses e dos espaços privados, apontando para a intensificação de uma sociabilidade urbana excludente, como mais uma expressão da arquitetura da violência.

Palavras-chave: violência, segurança, mercado, ética, estética

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo atualizar as observações e análises referentes às alterações formais e funcionais da arquitetura em nome da segurança patrimonial e suas repercussões no âmbito da fragmentação espacial e sociabilidade urbana. O universo de análise da pesquisa se desloca das grandes cidades - Rio de Janeiro e São Paulo - para aquelas de médio porte como reflexo do crescimento apontado pelos dados do IBGE, divulgados pela *Folha de São Paulo* em matéria publicada no dia 1 de setembro de 2012. No período entre 2000 a 2010, as cidades médias - de 100 mil a 500 mil habitantes - registraram no Brasil as maiores taxas de crescimento populacional.

A escolha recaiu sobre Niterói, situada na região metropolitana do Rio de Janeiro. A localização da Universidade Federal Fluminense na cidade também nos motiva a deslocar as atenções dos grandes centros para a sua dinâmica cotidiana e seus problemas, como uma responsabilidade acadêmica e cidadã em relação à cidade que nos acolhe.

Assim, o trabalho se divide em duas partes. A primeira caracteriza a cidade de Niterói no contexto metropolitano contemporâneo, com foco no aumento da violência e no crescimento do mercado imobiliário, fenômenos observados simultaneamente no noticiário recente. A segunda apresenta o resultado das análises preliminares, de como o mercado tem

conciliado a demanda por segurança patrimonial com as tendências estéticas da atualidade, particularizadas nas edificações residenciais multifamiliares.

1. Niterói: “uma cidade rica é uma cidade sem pobreza”¹

Em posição privilegiada no Índice de Desenvolvimento Humano, Niterói é também a cidade com o maior número percentual de ricos no país. De acordo com um estudo da Fundação Getúlio Vargas, datado de 2011, 30,7% da população do município se insere na classe A². A proximidade com o Rio de Janeiro implica não somente na facilidade de acesso à infraestrutura construída para receber os jogos de 2014 e 2016 que serão realizados na capital, mas faz de Niterói destinatária de investimentos e movimentos populacionais na metrópole. A condição de vizinha da sede dos megaeventos, no entanto, exige recursos públicos para atrair benefícios à cidade. No campo urbanístico, o “horizonte de oportunidades” que se produz com vista aos megaeventos tem servido de pretexto para flexibilizar a legislação municipal. O jornal *O Globo*, de 17 de junho de 2012, noticiou o projeto de lei em vias de aprovação que altera o gabarito construtivo de determinadas áreas de Niterói para até 30 andares, visando “atrair investimentos de olho no turista que visitará o Rio de Janeiro durante a Copa do Mundo e as Olimpíadas”.

Via de regra, a política para esses megaeventos tem sido marcada pelo embelezamento e limpeza da cidade, com ênfase nas políticas de segurança pública capitaneadas pela instalação de UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora), prometendo extirpar a violência das favelas e, conseqüentemente, do Rio. O noticiário jornalístico, paulatinamente, passa a revelar o destino da “sujeira” carioca indesejável e sua expulsão das áreas mais valorizadas da cidade, elucidando a transferência da criminalidade para cidades de médio porte.

Como efeito colateral dessa expulsão, nos últimos dois anos Niterói tem vivenciado a migração da criminalidade. A partir de fevereiro de 2011, a mídia noticiou indícios de “fracassos” da ação das UPPs pelo aumento do número de roubos e assaltos em cidades menores da região metropolitana. A situação atinge seu ápice quando, em 12 de abril de 2012, o secretário estadual de segurança, José Mariano Beltrame, confirma a migração de bandidos para Niterói, oficializando o fenômeno e garantindo o aumento do efetivo policial

¹ A expressão foi extraída do vídeo-divulgação da “Operação Urbana Morro do Estado”. Proposta pela Secretaria de Urbanismo de Niterói, o projeto prevê a remoção de duas favelas entre as mais populosas da cidade e, como alternativa, a realocação da população em conjuntos habitacionais.

² [Online]. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/niteroi-lidera-lista-da-riqueza-segundo-fgv-2757154>. [Consult. 24 outubro 2012].

no combate à violência. Nos meses de 2012, a criminalidade aumenta, e a população protesta. Esse processo pode ser exemplificado pelas extrações jornalísticas abaixo:

O GLOBO Rio 10/02/2011: **Prisão confirma migração de bandidos de favelas ocupadas para pacificação.** Traficante do Morro de São Carlos é capturado pela PM de São Gonçalo.

O GLOBO Rio 12/04/2012: **Beltrame admite: bandidos migraram para Niterói.**

O GLOBO 16/04/2012: **Denúncias sobre ação de bandidos no Morro do Preventório (Niterói) crescem mais de 1.400%**

PM decidiu instalar até a próxima segunda-feira um posto de comando móvel na comunidade. O Morro do Preventório, antes local pacato, enfrenta um crescimento da violência: comunidade concentra 70% da população de Charitas. (...) Apontado como um dos destinos de traficantes que fugiram da Mangueira (RJ) após o início da pacificação, o Preventório experimenta um aumento do número de denúncias sobre a ação de bandidos. (...) Do fim de 2011 para o início deste ano, o clima se tornou ainda mais tenso. As denúncias que chegam dão conta de que traficantes da Rocinha (RJ), de uma facção rival à que domina o Preventório, estariam tentando invadir o local. (grifos nossos)

O GLOBO 16/04/2012: Niterói **protesta contra a escalada de violência.** Moradores fazem nova manifestação pedindo segurança, em fim de semana que teve mais dois mortos na cidade.

O GLOBO 13/10/2012: **Cidade tem uma queixa por dia sobre ação do tráfico.** Comunidades mais afetadas são as ocupadas por criminosos do Rio.

As comunidades mais citadas são exatamente aquelas em que há denúncias da presença de traficantes que migraram do Rio, após a implantação das Unidades de Polícia Pacificadora (...) 2.436 denúncias só este ano - uma média de 270 por mês.

A onda de violência, o aumento de assaltos e a intensificação dos protestos apontados acima são reflexos da crescente sensação de insegurança em determinadas áreas e passam a constituir uma ameaça à boa imagem da “Cidade-sorriso”³. Uma vez que a frequência de notícias aumenta, a sensação de insegurança contra a delinquência e a percepção de que Niterói está mais vulnerável e mais perigosa intensificam a adoção de estratégias novas e tradicionais de segurança e proteção no redesenho da cidade.

³Niterói é conhecida como “cidade sorriso”.

Paralelamente, Niterói tem crescido e recebido vultosos investimentos imobiliários, como no caso do Jardim Icaraí, bairro de classe média situado na Zona Sul. Segundo a Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário (ADEMI), o bairro teve um incremento de 58% no número de unidades lançadas no período de 2010-2011. Sob o título “Contrariando previsões negativas, mercado imobiliário segue aquecido”, *O Fluminense* noticiou, em 10/06/2012, a valorização constante dos imóveis em Niterói. No site Zapmoveis, de 2008 a 2012, a valorização imobiliária nos bairros nobres do Rio de Janeiro e nos bairros nobres de Niterói girou em torno de 100%. A dinâmica urbana do Jardim Icaraí, conhecida até 2009 pela presença predominante de residências unifamiliares de baixo gabarito, tem sido alterada, significativamente, nos últimos dois anos. Os engarrafamentos constantes e a interrupção na distribuição de água sentidos no local são indícios da saturação na infraestrutura que não está preparada para receber tamanha quantidade de novos moradores.

Figura 1: protesto contra violência em Niterói.



Fonte: O Globo, 16/04/2012.

A divulgação de índices de violência influi não somente na sensação de insegurança dos moradores, mas também nas decisões do mercado imobiliário. Se, por um lado, o Estado tem tentado tranquilizar a população aumentando o efetivo policial, como revela a matéria publicada pelo jornal *O Globo*, em 13/04/2012, intitulada “Niterói: mais 244 PMs para tentar frear violência”, a iniciativa privada reserva gastos ascendentes na adoção de novas tecnologias e estratégias de segurança patrimonial. O Sindicato das Empresas de

Segurança Privada, Vigilância Patrimonial e Sistema de Segurança (Sindesp-RJ) estima que, no último ano, a venda de produtos de segurança privada tenha aumentado 15% no município, como aponta a notícia publicada pelo jornal *O Fluminense*, em 06/05/2012, intitulada: “Segurança privada e eletrônica em alta”.

Figura 2: divulgação de lançamentos imobiliários recentes no Jardim Icaraí.



Fonte: fotos de publicidades imobiliárias).

Neste quadro, inquestionavelmente, o mercado imobiliário enfrenta o constante desafio de conciliar a volumosa oferta de imóveis residenciais, que precisam ser vendidos, com a inquestionável oferta de segurança residencial patrimonial que represente ao mesmo tempo modernidade, atualidade e desenvolvimento.

2. Segurança, mercado e transparência.

O noticiário sobre as migrações da criminalidade do Rio para Niterói e o consequente aumento do medo da violência nos colocam frente ao crescimento das medidas de segurança, e, como decorrência, frente a três tipos de transparência: a transparência ética proposta pelos movimentos sociais, a transparência dos muros de vidro que limitam os territórios da classe média e a transparência digital, tal qual nos apresenta Virilio: “(...) não se

trata mais, como no passado, de isolar pelo encarceramento o contagioso ou o suspeito, trata-se sobretudo de interceptá-lo em seu trajeto a tempo de auscultar seus trajes e bagagens, daí a súbita proliferação de câmeras, radares e detetores nos locais de passagem obrigatória” (1993, p.8). A primeira transparência é expressa nos convites enviados pelo CCOB – Conselho Comunitário da Orla da Baía de Niterói, para duas reuniões em 31/10/2012 sobre segurança e transparência política, como revelam os temas: Fórum de transparência e controle social de Niterói e Conselho Comunitário de Segurança Pública de Niterói; a segunda transparência é expressa pelos muros de vidro instalados em praticamente todos os novos empreendimentos imobiliários; a terceira transparência, através das câmeras, vigia as ruas, dispensa políticas públicas de segurança e “oficializa” o abandono dos espaços públicos, na medida em que as imagens capturadas por elas oferecem confiabilidade suficiente para, por exemplo, desvendar crimes que ali acontecem, dada a sua incontestabilidade de registro imagético.

A análise das relações entre segurança, mercado e transparência na arquitetura da violência contemporânea implica na percepção de que o redesenho urbano se dá pela renovação de elementos e equipamentos de proteção residencial. As grades de ferro, por exemplo, têm sido substituídas, extensivamente, por muros de vidro e complementos digitais, evidenciando a preferência por determinada concepção entre espaços públicos e privados. O consubstanciamento dessa análise sugere um voo por formas pretéritas de arquitetura que implicavam de modo relevante em outra concepção das relações entre espaços públicos e privados da cidade.

Apesar das resistências iniciais à subordinação das artes e da arquitetura aos processos de produção industrial, o uso do ferro na arquitetura, ainda no século XIX, começou com experimentações determinadas pela produção industrial e em série que procuravam se adequar à estética da época, subordinando as propriedades naturais do material à criação de elementos construtivos orgânicos florais, incorporando beleza à sua função. No Brasil, a evolução da ocupação dos lotes nas cidades introduziu o uso de gradis de ferro nos limites e acessos dos terrenos residenciais. Além de sua função reguladora e explicitadora das relações entre público e privado, seus desenhos orgânicos, ou geométricos, os transformavam em elementos também decorativos; os acabamentos, quase sempre em forma de lanças, reproduziam simbolicamente a proteção, a defesa e o limite territorial da propriedade.

A proposta da arquitetura moderna subtraiu esse tipo de limites territoriais, caracterizando, *grosso modo*, os edifícios residenciais multifamiliares, no auge do período modernista, que exibiam elementos arquitetônicos como paredes de vidro, planta livre e

pilotis que liberavam o solo para usos coletivos, circulação e ventilação - no Rio de Janeiro o Ed. Finússia & Dona Fátima, o Ed. Angel Ramirez e Ed. João M. de Magalhães, dos arquitetos MMM Roberto e o Ed. Jarau, do arquiteto Firmino Saldanha, em São Paulo o Ed. Prudência, do arquiteto Rino Levi e o Ed. Louveira, do Arquiteto Vilanova Artigas. O uso dos pilotis permitia ainda a permeabilidade urbana e o livre trânsito, ampliando o espaço da cidade, já que não interpunha barreiras físicas.

A implantação progressiva, nas últimas décadas, de altos muros e grades (complexas, agressivas e sequenciais) de proteção e segurança tornou os espaços dos pilotis “impenetráveis”, como um retorno “à estrutura espacial dos mundos do passado”, como afirmou Norberg-Schulz (2005):

“En general, la concepción del espacio (modernista) concede una importancia primordial a la apertura y la continuidad, en contraste con esos ‘lugares’ aislados y semiindependientes que constituían la estructura espacial de los mundos del pasado.”

Entendendo que a arquitetura é, de modo peculiar, reflexo da realidade, como afirma Duayer (2008), é possível afirmar que na sua contemporânea subordinação à perversa lógica do mercado, a arquitetura residencial multifamiliar, como qualquer mercadoria, “advém antes de tudo da necessidade de valorização do capital e do seu instrumento de inovação estética que se expressa com a utilização decorativa repentina, sob a qual objetos de uso não guardam nenhuma estabilidade rotineira e racional”, como afirma Haug (1997, p. 127).

O mesmo autor afirma ainda que “cada nova tendência estética leva automaticamente a um mercado”, e assim:

“(...) uma mercadoria puxa outra mercadoria e uma compra puxa outras compras. Essa dinâmica tem uma tendência totalitária; ela ambiciona totalidades dirigidas respectivamente por gerações de mercadorias. Estas mostram a dinâmica pretendida por meio de conceitos tais como ‘moda total’ e ‘design total,’ oriundos das linguagens dos agentes do capital e que são alcançados somente de modo insuficiente. Pois esses conceitos atingem primeiramente determinados grupos de mercadoria, por exemplo, a ‘moda feminina’ (roupas, perucas, acessórios) ou a ‘cultura habitacional’ (móveis, tapetes, cortinas, luminárias, vasos, quadros, etc.). Se no mundo humano as gerações coexistem, o mesmo ocorre no mundo das mercadorias com os ‘estilos’, cada qual cobrindo respectivamente um segmento do mercado e no âmbito dos quais as gerações de mercadoria se sucedem” e “a única coisa

determinada nessa configuração é que eles precisam ser novos e homogêneos estimulando a compra.” (p.124 e 126)

Assim sendo, a estética dos elementos e equipamentos de proteção e segurança residencial tem sido progressivamente substituída pela moda dos muros ou panos de vidro combinados com grades tubulares de alumínio, associadas a equipamentos digitais e tecnológicos, como que inaugurando uma nova cultura habitacional.

Portanto, na perspectiva da “*moda total*” e do “*design total*”, oriundos da linguagem do capital, a transparência, como moda e *design*, aliada à transparência da Era Digital, da qual fala Virílio (1993), significa a constante conexão, vendo e ouvindo tudo o tempo inteiro, e traz para o campo do consumo todo tipo de transparência. No campo ético, o Portal da Transparência do Governo Federal e as revelações do *Wikileaks*; na moda feminina, o Fashion Rio 2013 apresentando bolsas, sapatos e roupas transparentes; no campo da cultura habitacional, de que fala HAUG, poderiam ser ainda incorporados os revestimentos, os estilos de fachadas, de muros e seus materiais. À independência das estruturas espaciais dos “*mundos do passado*” poderia ser acrescentada a ampliação dos limites dos lotes numa apropriação indébita dos espaços públicos.

No que concerne à proteção e segurança, na arquitetura contemporânea de habitações multifamiliares, o vidro surge como o *dernier cri* na confecção dos muros, inaugurando um redesenho urbano marcado pela transparência.

Já na cidade do Rio de Janeiro, o uso do vidro como barreira tem se popularizado nos últimos cinco anos. Em 2007, o fenômeno foi noticiado pelo jornal *O Globo*, que em matéria intitulada “Fortalezas de vidro” (*O GLOBO*, 22/04/2007), revelou a substituição que se iniciava nos prédios da orla carioca, em especial em Ipanema.

No mesmo ano, levantamentos fotográficos do acervo do grupo de pesquisa registraram os primeiros empreendimentos com características similares em Niterói, um conjunto multifamiliar de alto padrão em frente ao Museu de Arte Contemporânea.

O registro e observações empíricas já nos levam a concluir, primeiramente, que o vidro vem se popularizando nas cidades, no mesmo período. Em segundo lugar, o muro de vidro, que em 2007 chamava atenção pelo seu caráter singular em contraste com o gradeamento convencional dos edifícios entorno, agora é, via de regra, a solução mais “*rotineira*” observada nos novos edifícios da elite e da classe média niteroiense.

Ao considerar a transparência como propriedade fundamental do vidro, sua aplicação na cidade e na arquitetura residencial poderia então ser entendida como uma resposta física do mercado à tendência da transparência na era digital. Mas, para que o vidro

se viabilize como barreira, sua fragilidade e devassamento devem ser complementadas por um aparato digital e tecnológico altamente sofisticado.

Figura 3: grade de ferro (fonte: Google Earth) substituída na 2ª imagem por painel de vidro na Rua Presidente Pedreira. (



Fonte: acervo da pesquisa.

Tamanha sofisticação, tida como diferencial nos anúncios publicitários de condomínios residenciais da década de 1990, já deixou de ser um privilégio para se tornar requisito essencial nos novos empreendimentos, que incluem, “obrigatoriamente”, sistemas de monitoramento remoto 24h, interfones, portões automáticos, alarmes e serviços privados de segurança. Comprovadamente, as visitas ao Jardim Icarai confirmam que nenhum empreendimento de classe média e alta tem sido entregue sem esse sistema.

Sem dúvida, a sofisticação do mercado de segurança permite, cada vez mais, que os muros sejam transparentes e que as cidades sejam de vidro. A necessidade que o vidro cria na ampliação do mercado de equipamentos de segurança vai ao encontro da notícia publicada pelo jornal *O Fluminense*, citada anteriormente, a qual divulgou o aumento de 15% em um ano, do mercado de segurança no município. De certa forma, a consolidação do uso de novas estratégias de segurança fecha um ciclo, pois insere produtos que valorizam a transparência e nos induzem a crer que estamos mais conectados com o exterior - o público, e que o público está mais conectado conosco.

Figura 4: transparência e aparatos de segurança observados nos novos edifícios multifamiliares no Jardim Icarai.



Fonte: acervo da pesquisa.

O uso do vidro tem sido vendido sob a justificativa de que o material proporciona integração. Contudo, as barreiras urbanas continuam presentes e mais intransponíveis, fazendo com que a dita integração seja estritamente visual, se limitando a uma simulação. A permeabilidade visual que o vidro oferece contrasta com a definitiva separação física, que impossibilita qualquer contato real entre os dois lados, pois, como afirma Bernadette Panek (2010), o que se forma é “um espaço acessível apenas à tentação do olhar”. A autora, complementarmente, afirma ainda que “a fronteira concretizada pelas enormes vidraças impõe um território, enquanto pretende deixar a vista tudo o que ali se passa – a transparência mostra-se como a própria simbologia da hipocrisia”.

Esta tamanha ambiguidade do vidro tem sido também explorada no campo das artes, como por exemplo, na obra recente do artista americano Robert Morris, exposta na Praça Cinelândia da cidade do Rio de Janeiro, onde o visitante é convidado a penetrar num labirinto de vidro. O comentário de Ryan Roa sobre a obra em que chama atenção para a qualidade refletiva do vidro e pela desorientação no espaço que ele provoca, nos ajudam a melhor perceber o significado do uso dos muros de vidro na cidade:

“Um aspecto realmente legal do vidro é a sua boa qualidade refletiva. Além disso, obtém-se uma espécie de filtro, por ter uma peça de vidro aqui, depois outra peça ali e a próxima peça de vidro aqui, e isso começa a criar um pouco

*de desorientação no espaço. A idéia por detrás de um labirinto é que, ao caminhar por ele, você está vivenciando o espaço. Mas com a transparência você não apenas vivencia o espaço, com também vivencia todo o espaço ao redor do labirinto.”*⁴

A fala expõe o enorme potencial oferecido pelo uso do vidro em um contexto artístico e experimental, mas também os riscos inerentes à sua aplicação em um contexto urbano, que não se limita à experiência singular da obra de arte, considerando aspectos referentes à legibilidade urbana, clareza e facilidade de orientação, como nos lembra Kevin Lynch.

Quando observamos um lote envidraçado, aquilo que percebemos é uma imagem distorcida do real. O que se forma é um espaço que sobrepõe o privado com reflexos do público. Tal reflexo não amplia a importância do espaço público como campo de trocas e interações, ao invés disso, ajuda a reduzi-lo de significação, como aponta Chauí⁵:

“Uma das características mais impressionantes do neoliberalismo é que ele opera pelo encolhimento do espaço público, do alargamento do espaço privado, seja o espaço privado do mercado, seja o espaço da vida privada.”

Observa-se assim um tipo de redesenho urbano que retrança os caminhos dos pedestres e corrobora para a afirmação de que o espaço público tem encolhido, não só fisicamente como também do seu sentido ético essencial. A hostilidade do mercado às estéticas dos “mundos do passado” certamente se funda na sua correspondência a outra ética.

Nota-se também que a aplicação do vidro encontra um campo fértil na ausência de normatização, em todas as escalas de poder. A despeito da lei municipal carioca de nº 5119/2009 que determina a “instalação de sinalização nas vitrines e portas de vidros translúcidos nos imóveis”, e abre precedente para a regulação, ainda que tímida, do uso de portas de vidro de edifícios residenciais multifamiliares, o município de Niterói não dispõe de qualquer legislação que trate do tema. A cartilha, recentemente publicada pela Secretaria Municipal de Urbanismo, que traz diretrizes de projeto e trata da ocupação de passeios públicos, em nenhum momento menciona o uso do vidro como muro. O método “caso-a-caso”, adotado pela secretaria na aprovação de projetos de instalação de elementos de delimitação dos lotes, e as observações empíricas levam a questionar até onde a segurança do

⁴ [Online]. Disponível em: <http://www.thecreatorsproject.com/blog/agenda-creators-%E2%80%93-as-boas-de-arte-e-tecnologia-para-o-fim-de-semana-21-2309> [Consult. 25 outubro 2012].

⁵ [Online]. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=KrN_Lee08ow [Consult. 8 novembro 2012].

pedestre e o respeito ao dimensionamento do passeio público têm sido levados em consideração.

Conclusivamente, o conjunto de ideias aqui apresentado leva a crer que a substituição das grades por vidros desvela, mais uma vez, o papel do mercado imobiliário como lugar de representação simbólica e de imposições da sociedade de mercado, apontando para a intensificação de uma sociabilidade urbana excludente como mais uma expressão da “arquitetura da violência”.

Referências Bibliográficas

- Davis, M. 2005. *A escobazo limpio*. [Online] Disponível em: <http://www.sinpermiso.info/textos/index.php?id=277> [Consult. 25 outubro 2011].
- Duayer, J. 2008. *Lukács e a Arquitetura*, Niterói, Editora da Universidade Federal Fluminense.
- Featherstone, M. 1995. *Cultura de consumo e pós-modernismo*, São Paulo, Studio Nobel.
- Ferraz, S. M., Brondani, D. & Guimarães G. 2003. *Arquitetura da violência: Medo individual e nova coletividade*, resumo publicado nos *anais do 13º Seminário de Iniciação Científica e Prêmio Vasconcellos Torres*, Niterói/RJ.
- . Ferreira, L. P. & Cardoso N. P. 2010. *Arquitetura da violência: cidade limpa e segura para turista ver*, resumo publicado nos *anais do III Seminário Internacional de Derechos Humanos, Violencia y Pobreza*, Montevideú.
- . Furloni, C. & Madeira, C. 2006. *Arquitetura da Violência - Os (des)caminhos da arquitetura moderna*, resumo publicado nos *anais do 16º Seminário de Iniciação Científica e Prêmio Vasconcellos Torres*, Niterói/RJ.
- .& Lages, G. M. 2002. *As grades na arquitetura: da arte à armadilha*. 4º *Simpósio Internacional do Programa de Pós Graduação em Ciência da Arte - Interlúdios: Arte, Ciência e Tecnologia - Resumos*. v. único, Niteroi/RJ.
- .& Possidônio, E. dos R. 2004. *Violência, medo e mercado: uma análise da publicidade imobiliária*. *Revista Impulso*, 15, 87-97.
- .& Santiago A., Gonçalves C. & Miranda F. 2007. *Arquitetura da Violência: A cidade é uma casa. A casa é uma cidade*. Resumo publicado nos *anais do 17º Seminário de Iniciação Científica e Prêmio Vasconcellos Torres*, Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- Lynch, K. 2006. *A imagem da cidade*, São Paulo, Martins Fontes.

Muñoz, J. A. J. & Massera, C. A. 2010. La transparencia y la exclusión: ver pero no estar. *arquitectura revista*, 6, 27-36.

Norberg-Schulz, C. 2005. *Los Principios de la Arquitectura Moderna: Sobre la nueva tradición del siglo XX*, Barcelona, Editorial Reverté.

Panek, B. 2010. Estética dos reflexos: a amplitude mas também a hipocrisia da transparência. *Palíndromo*, 3, 171-189.

Sennet, R. 1988. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*, São Paulo, Ed. Companhia das Letras.

Severiano, M. de F. V. & Benevides, P. S. 2011. A lógica do mercado e as retóricas de inclusão: articulações entre a crítica Frankfurteana e a Pós-Estruturalista sobre as novas formas de dominação. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 11, 103-124.

Virilio, P. 1993. *O espaço crítico e as perspectivas do tempo real*, Rio de Janeiro, Editora 34.

Haug, W. F. 1997. *Crítica da estética da mercadoria*, São Paulo, Fundação Editora da UNESP.

Jornais diários

Folha de São Paulo, O Globo e O Fluminense – diversas edições impressas e on-line.